

reflexões sobre a Igreja



Hendrick ter Brugghen, S. Matteo, XVII sec., Historisch Museum Deventer

Eclesiologia

ou Tratado da Igreja

Minha Princesa de mim:

IA-TE DIZENDO QUE A ECLESIOLOGIA OU TRATADO DA IGREJA começa a constituir-se como tal, e como disciplina autónoma, num período de lutas entre papado e monarcas. CONGAR observa, e bem, que já nos finais do século XIII e princípios do XIV se sente que um modo jurídico de discorrer vai invadindo largos sectores da teologia: *Sentimo-lo até à evidência, quando passamos dos textos de São Tomás de Aquino ou São Boaventura, ambos mortos em 1274 (a caminho ou participando no Concílio de Lyon) aos textos de Henrique de Gand (morto em 1293), por exemplo, mas sobretudo aos de Guilherme de Ocam (morto em 1349/50). Achamos posições teológicas e conclusões menos determinadas por razões internas tiradas duma consideração contemplativa da natureza íntima das coisas, do que por autoridades puramente positivas, textos de decreto cujo valor mais ou menos coercivo se aprecia...*

... O juridismo em teologia, em ética, em liturgia, etc., levanta a questão das condições mais positivas e mais estritas a que uma coisa possa ainda dar o nome, ser válida, satisfazer uma obrigação. [Quem se familiarizou com o método discursivo do Aquino, sabe bem a importância da distinção entre as coisas, conceitos e premissas para o progresso e a fecundidade do pensamento ou, dito doutra maneira, Princesa de mim, para se saber discorrer ou raciocinar. Mas, depois, a escolástica foi transformando esse espírito analítico num exercício de separação e dissociação, quantas vezes esvaziador de realidade]. Tal atitude dominou e prejudicou especialmente a liturgia. Favoreceu um velho instinto coisista e muito pouco espiritual, em virtude do

*qual as pessoas se interessam pelo rito, pela materialidade de uma prestação procurada, obrigatória, e não pela atitude pessoal profunda de quem, para além da satisfação de uma dívida, empenha o seu "coração": interessam - se pelas condições legais mínimas de validade, necessárias a estar em regra com a lei, pelo menos com a letra desta e com a autoridade, e não pelo sentido das coisas. [O escrito em *itálico* é sempre de Congar].*

Pessoalmente, com alguma frequência pensossinto que o irrealismo – com que a igreja clerical (em que incluo não só clérigos, e nem todos, mas muitos leigos igualmente imobilistas) considera circunstâncias e questões do nosso tempo – é fundamentalmente decorrente de um conceito de Igreja como instituição sociopolítica de direito divino, dotada de poderes judiciais e judiciais sobre todos os aspetos da vida humana, tais poderes sendo exclusivamente atribuídos a, e por, uma nomenclatura chamada "hierarquia". Coloca – se esta num plano diferente (superior), não só ao do comum dos mortais, mas ao da própria comunidade dos fiéis. Tal separação conduz ao seu desfasamento da realidade e, infelizmente e sobretudo, à degradação, e até rutura, do essencial entendimento – e diálogo dialético – no seio da comunhão cristã.

Voltando ao início de uma minha carta anterior, aperto e espremo o trecho onde vem dito «*tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja!*». Palavra pronunciada na sequência de uma inaudita confissão de fé, como decorre do próprio texto do evangelho de Mateus (16, 13 – 20), na tradução portuguesa, diretamente do grego, do professor Frederico Lourenço:

Chegando Jesus à região de Cesareia de Filipe, interrogou os seus discípulos, dizendo: «Quem dizem as pessoas ser o Filho da Humanidade?» Eles disseram: «Uns dizem João, o Batista; outros, Elias; outros, Jeremias, ou um dos profetas.» Diz-lhes Jesus: «E vós, quem dizeis que eu sou?» Simão Pedro, respondendo, disse: «Tu és o Cristo, o filho do Deus, do Vivo.» Jesus, respondendo, disse-lhe: «Bem-aventurado és, Simão, filho de Jonas, porque carne e sangue não te revelaram 'isto', mas sim o meu Pai, o que 'está' nos céus. E eu digo-te que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha assembleia e os portões do Hades não terão poder sobre ela. Dar-te-ei as chaves do reino dos céus e aquilo que ligares na terra terá sido ligado nos céus, e aquilo que desligares na terra terá sido desligado nos céus». Jesus recomendou então aos discípulos que não dissessem a ninguém que ele é o Cristo.

Sempre meditei esta fortíssima bênção de Pedro como anúncio da renovação da fé no Pai Eterno, pelo reconhecimento e confissão da sua encarnação em Jesus Cristo. O que proclama o prólogo ou abertura do evangelho de João – *No princípio era o verbo, e o verbo estava com Deus, e Deus era o verbo. Este no princípio estava com Deus. Todas as coisas existiram por ação dele e sem ele nem uma só coisa existiu. Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens. E a luz brilha na escuridão e a escuridão não dominou a luz* – eis, precisamente, o que, segundo Mateus, Pedro responde a Jesus. E a fé de Pedro, pescador iletrado, é tão profunda, e tão profundamente clara, que não pode ter surgido do seu ser humano e carnal, mas apenas pelo próprio Deus revelada: a confissão de Pedro, como a profissão de fé de cada crente cristão e da assembleia ou reunião dos crentes que é a

Igreja, proclama algo que existe nos céus desde o princípio dos tempos. O que Pedro diz, na sua resposta à pergunta de Jesus, liga o Verbo, o Cristo do Vivo, ao próprio Deus na sua realidade ontológica, que já assim era una nos céus. É evidentemente difícil, quicá rigorosamente impossível – e sempre tentativo e ousado – procurar definir ontologicamente seja o que for: o próprio Deus, que é Ser absoluto, escapará sempre a qualquer definição. Até dizemos, ao professar, no *Credo*, a nossa fé em Jesus Cristo – não só na pessoa humana e histórica que Deus quis ser, mas na pessoa divina e eterna que Ele é, desde o todo sempre – *Deus de Deus, Luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro...* Deus é só de Deus, é já antes do princípio de tudo, é no vácuo, no meio de nada, a potência de tudo. Afinal, o início do Evangelho de São João remete-nos para o primeiro trecho da Bíblia (Gênesis 1, 1 – 3): *No princípio Deus criou o céu e a terra. Ora, a terra era vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, um vento de Deus revolvia-se sobre as águas. Deus disse: «Faça-se luz!» – e a luz fez-se.*

Não sendo eu tradutor nem exegeta de textos bíblicos, deixo ao teu dispor a transcrição de algumas notas do professor Frederico Lourenço, tradutor dos textos evangélicos reproduzidos nesta carta. Por ordem, as duas primeiras observações referem-se aos trechos do evangelho de Mateus, a terceira ao prólogo do de João. Todas respigadas do volume I (*Os Quatro Evangelhos*) da tradução da Bíblia publicada pela Quetzal (Lisboa, 2016):

16,18 – *«Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha assembleia»: Jesus não está a dar agora o nome de Pedro a Simão, pois já antes se dissera (4, 18) que Simão se chamava Pedro. Mateus é o único evangelista a empregar a palavra*

"ekklésia" («assembleia»); mais tarde «igreja» – não esquecer que «igreja» como edifício de pedra e cal é uma realidade que não existe antes do século IV). Uma das dificuldades desta célebre passagem (lida, durante séculos, para legitimar a identidade do Papa romano como sucessor de Pedro e, por isso, único representante autorizado de Cristo na terra) centra-se no próprio anacronismo de "ekklésia", palavra que muitos comentadores têm dificuldade em admitir que pudesse ter sido dita pelo Jesus histórico, uma vez que a ideia da existência de uma «assembleia» de cristãos pressupõe a morte e ressurreição de Jesus. Não é por acaso que, das mais de cem ocorrências de "ekklésia" no NT, só encontramos três (Mateus 16,18 e duas vezes em Mateus, 18,17) fora do "corpus" constituído por Atos dos Apóstolos, Epístolas e Apocalipse.

16, 19 – «aquilo que ligares na terra terá sido ligado nos céus»: note – se aqui a utilização do futuro perfeito passivo (perifrástico: "estai dedeménon"). Não é fácil determinar ao certo o sentido que Mateus pretende dar a esta construção verbal. «Aquilo que ligares na terra será aquilo que já foi ligado por Deus»? Ou tratar-se-á, antes, de sublinhar a simultaneidade do ato de ligar, que acontece ao mesmo tempo na terra e no céu? Um aspeto importante a ter em conta é o facto de «aquilo» corresponder ao pronome relativo neutro em grego: trata-se de ligar (e desligar) algo – não alguém.

Prólogo – «No princípio era o verbo, e o verbo estava com Deus, e Deus era o verbo. João inicia o seu Evangelho com uma das mais intraduzíveis afirmações alguma vez registadas por meio da palavra escrita: uma afirmação de fulminante arrojo assertivo, de sublime alcance teológico, carregada de múltiplos e com-

plexos sentidos. A palavra – chave é "lógos", celebradamente traduzida na Vulgata de São Jerónimo por "verbum" ("In principio erat verbum"), opção que condicionou desde então todos os que traduziram o quarto Evangelho para uma língua neolatina.

Não entremos agora, Princesa de mim, pela esclarecedora explicação de Lourenço sobre o facto de que, *embora inescapável (por falta de outra opção convincente em português) «verbo» não é uma tradução satisfatória...* Já em cartas anteriores, falando-te deste magnífico prólogo que, desde uma infância de mim, sempre considero uma página luminosa da literatura universal, te repeti que o logos grego tanto é palavra significativa de um raciocínio, como a própria razão deste, isto é, o ser. Mas está bem lembrado, pelo nosso erudito professor, um trecho de Goethe:

Quem leu o Fausto de Goethe (vv.1224 – 1227) lembrar-se-á da cena em que o herói procura traduzir o início do Evangelho de João por «no princípio era a palavra» ("am Anfang war das Wort"), chegando de imediato à conclusão de que não faz sentido dar à palavra tão excelso estatuto. Na realidade, o que João diz ter existido «no princípio» não é só a razão na sua forma de pensamento já verbalizado, mas também a Razão em si mesma. Recorde-se que a própria palavra "lógos" já servira aos primeiros filósofos helénicos (e mais tarde aos estoicos) para designar a inteligência que preside ao universo. Um desses filósofos, também morador (como tradicionalmente se pensa de João Evangelista) de cidade de Éfeso, falou inclusive do "lógos" («segundo o qual todas as coisas acontecem») como sendo eterno (cf. Heraclito, fragmento 1). João dá ao termo "lógos" um novo sentido teológico, mais transcendente do que aquele que lhe é próprio no âmbito da filosofia grega. Deste "lógos" – desta Razão desde sempre «com

Deus» que ao mesmo tempo é Deus – nos dirá o Evangelista que se tornou carne (1, 14) e tomou forma humana. É da Razão Divina encarnada em forma de homem – Jesus – e da sua passagem pelo mundo dos homens que trata, pois, este Evangelho.

Se para aqui te trago, Princesa, todas estas considerações não será apenas pela meditação que, só em si mesmas, elas merecem. Mas porque pensossinto muito aquela resposta de Pedro: **«Tu és o Cristo, o Filho do Deus, do Vivo!»**. Só porque tal lhe foi revelado é que aquele humilde pescador galileu, sem instrução, certamente com enorme coração – no qual, todavia, até por qualquer engolida resignação ao seu estatuto social, haveria quicê mais medos e silêncios do que ambições e protestos – perguntaria depois: **«Para onde iremos, Senhor, se só tu tens palavras de vida eterna?»**. E deixaria a sua terra e o seu lago ou mar da Galileia, para apontar a Roma e ser crucificado. Desafiara um poder imperial, ele que não tivera nem brio nem coragem para reconhecer Jesus defronte de pobres serviçais judias... A confissão de fé de Simão Pedro, que acima registamos segundo o Evangelho de São Mateus, tem sido muito frequentemente destinada, na pregação do clero e no ensino usual da Igreja Católica para fundamentar a primazia de Pedro e a decorrente hierarquia clerical com todos os seus poderes de origem divina. À imagem e semelhança das monarquias imperiais. Muito menos se fala e proclama a extraordinária profissão de uma apocalíptica visão de Deus em Jesus Cristo! E, todavia, é esta fé tremenda que nos é revelada pelo próprio Deus, e não pela carne nem pelo sangue. Simão Pedro não teve uma aparição, uma alucinação, uma visão: Teve Quem, à sua frente, lhe perguntou: e tu, Quem dizes

que eu sou?. E deu então uma resposta muito acima da sua própria capacidade, algo que antes não sabia, mas ora ficara a saber, naquele momento de revelação. E é sobre essa rocha, essa fé substantiva da união ontológica de Deus, já ligada no céu, que assentará a verdade e a comunhão dos fiéis. Não, certamente que não, na instituição de jurisdições e poderes que pretendam impor e executar o que entendam ser mandamentos e desígnios divinos.

Jesus Cristo não fundou "Igreja" alguma, no sentido institucional, isto é, como se constituíram estados nacionais, a ONU, a Companhia de Jesus ou o Sporting Clube de Portugal. As primeiras comunidades cristãs eram reuniões de fiéis que confessavam a união das naturezas humana e divina na pessoa de Jesus, celebravam a eucaristia, ação de graças, pela partilha do pão, sacramento do corpo morto e ressuscitado de Jesus Cristo, e do seu corpo místico. Assim, a eucaristia era, já ela própria, sacramento de reconciliação (antes de levares a tua oferta ao altar, reconcilia-te com teu irmão), memória do sacrifício redentor de Cristo e da sua ressurreição, celebração da sempre presença do Senhor na sua Igreja, comunhão fraterna. Pode até dizer-se que, nesse sentido, a Igreja é a eucaristia comungada, não há eucaristia sem Igreja. Nem Igreja de Cristo sem abertura aos seres humanos, a começar por todos nós pecadores, para que todos encontremos respostas à vocação universal de Deus.

Camilo Maria

Camilo Martins de Oliveira

<https://e-cultura.blogs.sapo.pt/cartas-de-camilo-maria-de-sarolea-712175> (07.10.2018)



fraqueza evangélica e fragilidade humana

O GRANDE MONGE BERNARDO DE CLARAVAL cunhou uma exclamação extraordinária: *Optanda infirmitas!, ó desejável fraqueza!* Na vida de cada um de nós é de facto decisivo experimentar a fraqueza, experiência inevitável que nos pode dar a consciência do não sermos Deus, mas criaturas “desprovidas”, necessitadas da presença e do cuidado das outras. Experiência que pode proteger, se a cegueira não é dominante, do orgulho, do narcisismo e do culto ególatra do próprio “eu”.

Infelizmente, no entanto, sobretudo no espaço cristão, em vez de se colher toda a bem-aventurança possível insita da fraqueza, erguem-se muitas vezes hinos à fragilidade. Há uma forte confusão na linguagem no que se refere a fraqueza, fragilidade e vulnerabilidade, e isto não favorece um caminho autêntico de crescimento humano e cristão. A ênfase com que se fala e invoca a fragilidade como justificação de muitos comportamentos é apenas uma estratégia para capturar pessoas frágeis e exercitar sobre elas um poder e uma atração que não estão no espaço da caridade e da solidariedade.

As pessoas frágeis devem ser ajudadas a aceder à fortaleza, que é, significativamente, uma das quatro virtudes cardeais. A sua fragilidade pede sobretudo a quem a encontra que aprenda a sentir-se vulnerável: vulnerabilidade

não é fragilidade! No esvaziamento e abaixamento em Jesus Cristo, Deus fez-se vulnerável, verdadeiro homem com uma vida na carne, e assim se mostrou solidário connosco até à morte. As feridas, os estigmas da paixão, que permanecem inclusive no corpo glorioso do Cristo ressuscitado, narram esta vulnerabilidade de Deus para sempre. Sim, em nós, humanos, a vulnerabilidade é lugar de encontro com Deus e com os outros; desta forma não é uma fraqueza, mas é a nossa força. É assim que se podem compreender as paradoxais palavras do apóstolo: «Quando sou fraco, é então que sou forte» (2 Coríntios 12,10).

Muitos gostam de instrumentalizar a fragilidade dos outros para conservar o poder exercido sobre eles psicologicamente e com inconsistentes acenos terapêuticos

Vulnerabilidade significa capacidade de se ser ferido, abertura e exposição ao outro, e nasce da confiança, renúncia ao controlo, desejo de abertura ao outro. Da vulnerabilidade nasce a fraternidade, porque cai o muro da indiferença, desaparece o véu da lei, e o coração de pedra transforma-se em coração de carne. Por isso, não é a fragilidade que deve ser procurada, porque ela, como todo o mal e toda a pobreza, é-nos dada pela vida e pelos acontecimentos em que estamos imersos; é preciso, antes, procurar a fortaleza, para sermos livres da

fragilidade e viver em plenitude. Que a fragilidade não seja, portanto, um álibi que esconde a impotência ou a incapacidade de tomar em mãos a própria vida.

Viver requer ter confiança na vida, lutar em favor da vida e amá-la com todas as suas forças. A existência de cada um de nós não é feita de ações heroicas e prodigiosas, mas perde sabor e sentido se é entregue à fragilidade, à indolência, à inércia, ao inacabado. E a virtude da fortaleza – seja claro – não tem nada a ver com a dureza ou a violência, porque exige uma luta contra os impulsos mortíferos que habitam o coração humano; ela requer coragem, audácia, determinação e, sobretudo, perseverança, com a qual – disse-nos Jesus – é possível «salvar» as nossas vidas.

É preciso, portanto, mais do que nunca vigiar para não sermos seduzidos por estas contínuas justificações da fragilidade, até porque a experiência me diz que muitos acabam, de facto, por se

servir egoisticamente da fragilidade alheia, sempre defendida, para assim defender as próprias; gostam de instrumentalizar a fragilidade dos outros para conservar o poder exercido sobre eles psicologicamente e com inconsistentes acenos terapêuticos. Nas vidas comunitárias e familiares conhecem-se bem estas derivas que impedem uma verdadeira comunhão e contradizem um caminho comum, enquanto justificam no interior da convivência humana caminhos privados de qualquer convergência e sem qualquer solidariedade fraterna.

Por isso, não confundamos fragilidade com vulnerabilidade, e não esqueçamos que a fortaleza é uma virtude cardeal, pedra angular para a vida humana e cristã.

ENZO BIANCHI

In Monastero di Bose / Trad.: Rui Jorge Martins /
Imagem: Mehmet Doruk Tasci/Bigstock.com /
Publicado em 26.12.2019

Ecumenismo:

Papa denuncia «escândalo» da divisão e diz que diálogo é caminho sem recuo

Francisco convida católicos a rezar pela unidade dos cristãos, «essencial» em tempos de crise

O Papa denunciou hoje no Vaticano o “**escândalo das divisões**” entre cristãos, afirmando que o ecumenismo é um caminho sem recuo, na Igreja Católica.

“Nas últimas décadas, graças a Deus, foram dados muitos passos em frente, mas é necessário perseverar no amor e na oração, sem desanimar e sem cansaço. É

um percurso que o Espírito Santo suscitou, na Igreja, nos cristãos, em todos nós, e do qual nunca voltaremos atrás. Sempre em frente”, indicou, na audiência geral que decorreu, em privado,

na biblioteca do Palácio Apostólico, com transmissão online.

Milhões de cristãos em vários países, incluindo Portugal, vivem entre 18 e 25 de janeiro a sua semanal anual de oração pela unidade.

“Neste tempo de graves dificuldades, a oração é ainda mais necessária para que a unidade prevaleça sobre os conflitos. É urgente pôr de lado os particularismos a fim de promover o bem comum, e para isso o nosso bom exemplo é fundamental: é essencial que os cristãos continuem o caminho rumo à unidade plena e visível”, declarou Francisco, esta manhã.

O Papa destacou que, mais do que uma estratégia, esta unidade é *“um dom, uma graça a ser pedida com a oração”*.

Podemos perguntar-nos: *‘Rezo pela unidade?’*. É a vontade de Jesus, mas se revirmos as intenções pelas quais rezamos, provavelmente compreenderemos que rezamos pouco, talvez nunca, pela unidade cristã”.



O Papa evocou o tema da Semana de Oração de 2021, **“Permaneçei no meu amor e dareis muito fruto”**, uma passagem do Evangelho segundo São João.

“A raiz da comunhão é o amor de Cristo, que nos faz superar os preconceitos para vermos nos outros um irmão e uma irmã a amar sempre. Deste modo, descobrimos que os cristãos de outras confissões, com as suas tradições, com a sua história, são dons de Deus, são dons presentes nos territórios das nossas comunidades diocesanas e paroquiais”, apontou.

“Começemos a rezar por eles e, se possível, com eles. Desta forma, aprenderemos a amá-los e a apreciá-los. A oração, recorda-nos o Concílio, é a alma de todo o movimento ecuménico. Que seja o ponto de partida para ajudar Jesus a realizar o seu sonho: que todos

sejam uma só coisa”, acrescentou Francisco.

A intervenção considerou que as divisões são obra do *“inimigo, o diabo”*, que *“semeia a discórdia, provoca a crítica e cria fações”*.

“Podemos examinar-nos e perguntar-nos se, nos locais onde vivemos, estamos a fomentar conflitos ou a lutar para crescer em unidade com os instrumentos que Deus nos deu: a oração e o amor”, observou o Papa.

O ‘oitavário pela unidade da Igreja’, hoje com outra denominação, começou a ser celebrado em 1908, por iniciativa do presbítero anglicano norte-americano Paul Wattson que mais tarde se converteu ao catolicismo.

Ecumenismo é o conjunto de iniciativas e atividades que favorecem o regresso à unidade dos cristãos; as principais divisões entre as Igrejas Cristãs ocorreram no século V, depois dos Concílios de Éfeso e de Calcedónia – Igreja Copta, do Egito, entre outras; no século XI com a cisão entre o Ocidente e o Oriente – Igrejas Ortodoxas –; no século XVI, com a Reforma Protestante e depois a separação da Igreja de Inglaterra (Anglicana).

<https://agencia.ecclesia.pt/portal/ecumenismo-papa-denuncia-escandalo-da-divisao-e-diz-que-dialogo-e-caminho-sem-recuo/> (20.01.2021)